

COMANDO DE ELITE



Em 1940, durante a 2ª Guerra Mundial, o Major Jones (Bean) é designado como o líder de uma expedição à Noruega, a fim de capturar um equipamento secreto alemão e destruir uma base militar nazista.

Aventura de guerra mais clichê impossível (com direito a civis sendo massacrados pelos nazistas – claro, por que não?), esta obra tem a pretensão de mostrar os primórdios das forças especiais britânicas, mais especificamente do Commando Nº 30. No entanto, como você está cansado de saber, não se aprende História no cinema (pra ser sincero nem sei se esse filme passou em algum cinema). O verdadeiro Commando 30 só surgiu em 1942 e o filme se passa em algum momento entre 1940 e 1941.

Apesar da premissa ruim, o filme é recheado de tensão e ação, bem do jeito que pode agradar a galera chegada num pum-pá-pou. A fase inicial do treinamento é um tanto burocrática e tediosa e o final, lamentavelmente, foi decepcionante – a estória merecia um final mais adequado.

O roteiro é péssimo (algumas tramas simplesmente não são concluídas) e a direção deixou muito a desejar. Sean Bean se destaca no elenco (que tem um sujeito ridiculamente franzino retratado como “soldado de elite”), enquanto Danny Dyer (que mais parece um clone do Dan Aykroyd) tem um papel supervalorizado como um soldado condenado que quer voltar à ação a qualquer custo. No mais, os efeitos visuais são bem razoáveis, os quesitos técnicos não decepcionam e a fotografia é excelente.

Enfim, “Comando de Elite” pode ser perfeitamente enquadrado na categoria de filmes que podem ser chamados de “de guerra” e já está muito bom assim.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: “Age of Heroes”.

Elenco: Sean Bean, Danny Dyer e Aksel Hennie.

Diretor: Adrian Vitoria.

Ano: 2011.

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- O Commando Nº 30 de Ian Fleming foi uma precursora das forças de elite no Reino Unido. O nome da unidade militar da vida real criada pelo autor de James Bond era “30 Commando Unit”, também conhecida como “30 Assault Unit” e informalmente também conhecida como “Red Indians” de Ian Fleming.

- Durante o treinamento na Escócia, Mac (William Houston), o instrutor, diz “...e para aqueles de vocês que não me conhecem, terão uma grande surpresa” e “... agora vamos tentar nosso primeiro ataque cardíaco, certo?” Estas falas são quase idênticas às ditas por Sandy Young (Jack Watson) em “Selvagens Cães de Guerra” (1978).

- O diretor Adrian Vitoria disse sobre este filme: “Tínhamos commandos, verdadeiros commandos britânicos, trabalhando neste projeto. Eles nos ajudaram e interpretaram membros das SS. Eles são todos ex-militares que trabalharam no Iraque e no Afeganistão e a contribuição deles para este filme foi ótima e acho que lhes deu a oportunidade de ver o que fazemos no cinema e entender por que demora tanto e por que não podemos incluir todos os detalhes na edição final. Eles nos educaram no funcionamento da guerra”.

FUROS:

- Durante o tiroteio na França, um homem, possivelmente um figurante ou membro da equipe de filmagem, pode ser visto vagando na costa.

- Quando os discos de identidade (dog tags) são retirados do corpo do soldado morto, ambos os discos são retirados. Na verdade, apenas o disco vermelho deveria ser retirado, ficando o disco verde no corpo para identificá-lo.

- A Polícia Militar do Exército Britânico só recebeu o Mandado Real depois da guerra (1946). Até então eram denominados Corpo de Polícia Militar (CMP) e não Polícia Militar Real (RMP).

- Depois que Rains (Dyer) é empurrado para fora do pelotão e confrontado pelo Sargento-Mor, a gola de sua camisa está levantada um pouco nas costas. Na próxima tomada, a gola está arrumada.

- Imediatamente após o briefing da missão, Ian Fleming (James D'Arcy) é chamado de Tenente-Comandante, apoiado em uma cena anterior mostrando divisas em sua manga, duas listras e meia “onduladas”, denotando um Tenente Cdr RNVR. Uma cena intermediária, quando Fleming chega ao campo de treinamento, mostra uma trança dourada em seu quepe indicando a patente de comandante pleno.

- O mapa na parede da sala de reuniões de Kent mostra a fronteira da Finlândia com a Rússia como é depois de 1944 (Petsamo e Carélia perdidos). Em 1940, a Finlândia perdeu apenas a Carélia, mas não Petsamo.

- O magricela do Stephen Walters (Brightling) ser um “commando” já é uma tremenda forção. Mas o pior é que o Major Jones (Bean) se dá ao trabalho de retirá-lo da prisão para levá-lo na missão e não parece haver nenhuma justificativa para isso. A única coisa em que ele parece ser bom é em xingar os alemães

- O Avro Lancaster, o bombardeiro quadrimotor usado na cena do lançamento de paraquedas, não existia no período de 1940-41 deste filme. O tipo adequado teria sido o Armstrong Whitworth Whitley ou o Vickers Wellington, ambos bombardeiros bimotores.
- Durante o tiroteio na fazenda, quando os alemães se aproximam pela primeira vez, Rains (Dyer) é visto pela primeira vez encostado na parede, mas, na próxima cena, ele está deitado no chão, no centro da sala.
- Ian Fleming (James D'Arcy) é mostrado usando as fitas da Medalha de Guerra de 1914-18 e da Medalha da Vitória, concedida por serviços prestados entre 1914 e 1918. Na verdade, Fleming nasceu em 1908 e não serviu na 1ª Guerra Mundial.
- Nas cenas finais, a submetralhadora Thompson de Bean estava disparando com o ferrolho não apenas não engatilhado, mas também sem se mover a cada tiro.
- Vocês têm todo o direito de discordar de mim, mas eu detesto filme que deixa pontas soltas. Neste, alguns personagens conseguem chegar vivos ao seu final, mas não é mostrado nem citado o que acontece com outros (imagino que você tem a obrigação de supor que eles morreram). Acho isso uma pobreza.
- O filme termina com os sobreviventes sorridentes no alto de um monte olhando para uma povoação e dizendo que ali é a Suécia. Levando em consideração que todo o Exército alemão na Noruega sabia que eles estavam fugindo para lá e que patrulhas alemãs normalmente vigiavam a fronteira, este deveria ter sido o momento de maior tensão de todo o filme – só que não.
- No fim, a grande mancha de todo o filme: os sobreviventes chegam à Suécia e isso é apresentado como um “final feliz”. Só que não. A Suécia foi neutra durante toda a 2ª Guerra Mundial e os soldados teriam sido internados, bem como tudo o que eles estivessem portando. Ou seja, nenhum equipamento ou documento chegaria à Inglaterra. A missão, quase suicida, resultou num completo fracasso.